

UNIDADE E LUTA! Construindo o VAMOS À LUTA NACIONAL!

UNIFICAR AS LUTAS PARA ENFRENTAR A CRISE ECONÔMICA E OS ATAQUES AOS TRABALHADORES

As transformações no mundo, tanto econômicas, como sociais e culturais, não trouxeram soluções aos problemas do povo, ao contrário retiraram direitos, oprimiram, trouxeram guerra, pobreza e misérias. Isto nos faz refletir sobre o modelo capitalista em que vivemos.

No XIII Congresso dos Trabalhadores da Unicamp convidamos todos @s companheir@s a conhecer a tese do coletivo UNIDADE E LUTA e a refletir conosco, buscando juntos ações e proposições que tragam respostas aos ataques dos governos e reitores de plantão, construindo um novo sistema social.

A UNICAMP E SUAS TRANSFORMAÇÕES: POR FORA BELA VIOLA, POR DENTRO...

A Unicamp aproxima-se de seus 50 anos e vive um momento contraditório: Por um lado é reconhecida como uma das melhores universidades da América Latina ; por outro em sua estrutura interna privilegia um segmento da comunidade: os docentes, ignorando os estudantes e rifando os técnicos administrativos. A reitoria de Tadeu, que na última consulta se elegeu em um marco histórico de votação dos servidores técnicos, mergulha em um período em que tem de apresentar respostas efetivas ao setor que o elegeu. No período em que completa dois anos de mandato, e passada a euforia daqueles que o apoiaram, Tadeu não consegue atender as principais propostas escritas em seu programa de gestão. Algumas delas são: isonomia, carro chefe de seu programa sofreu mudanças extrapolando os dois anos defendidos durante a campanha e os avanços que ocorreram foram fruto da greve; a mudança de regime se encontra aguardando a decisão judicial, expondo os trabalhadores que optaram pela alteração a prejuízos e insegurança; o sistema educativo aguarda a certificação prometida para o primeiro ano da gestão e as mudanças estruturais no PPP. Como se não bastasse tudo isso as denúncias do supersalário vieram finalmente tona, mostrando que existem desigualdades gritantes nos salários do conjunto de trabalhadores da universidade (ver <https://unidadeeluta.wordpress.com/>). Isto mostra que não basta eleger o candidato menos pior, pois nenhuma conquista virá sem organização e luta! Tadeu repete a política de seus antecessores que é evitar a "fuga dos cérebros" (ler jornal da Unicamp) e garantia de privilégio dos docentes, mas ignora a rotatividade dos técnicos e o avanço da terceirização. Para que de fato tenhamos mudanças na universidade temos que organizar a luta radical pela democracia na universidade, trabalhadores com peso igual no voto para

consulta de reitor: PARIDADE; Representatividade de igual peso nos fóruns decisórios da universidade como o CONSU e direito de votar e ser votado para Direção de Unidades, Pró-Reitorias e REITOR. É fundamental, a organização e unidade dos trabalhadores, e um STU que represente de fato a sua categoria num projeto que dispute de verdade o modelo de universidade, com os trabalhadores e para os trabalhadores dentro e fora da Unicamp! UNIDADE E LUTA!

O SINDICATO COMO UMA FERRAMENTA DE LUTA!

O STU tem de ser uma frente dos trabalhadores que busque resolver os problemas da categoria sem perder de vista a luta mais ampla. Manter independência frente ao reitor, autonomia dos partidos e ter um diálogo permanente com a sua base. Defendemos que a proporcionalidade é um modelo deva ser mantido, pois não se mede a eficácia deste modelo com um ano de gestão.

STU E A PROPORCIONALIDADE – UM BREVE BALANÇO

A proporcionalidade já foi experimentada outras vezes no STU com muito sucesso, por isso a categoria avaliou que deveria por fim ao sistema majoritário, onde só um grupo dirige o sindicato.

Nessa nova experiência, a proporcionalidade aumentou a dinâmica do STU, mas também as limitações das correntes em dialogar entre si e com a categoria construindo pautas mais unitárias. Frentes como assédio moral, educação infantil, terceirização subiram pra um patamar mais sólido de construção junto à categoria, onde diversas correntes passaram a se inserir nos debates e disputar os espaços que essas pautas abriram. Mas o benefício da proporcionalidade não foi só visto nas pautas tidas como setoriais. A campanha salarial e demais lutas gerais da entidade passaram a ser tratadas com maior horizontalidade junto à categoria, que se tornou sujeito mais ativo e mais importante nas campanhas. Porém a atual dinâmica de alguns setores de não disputar a direção em suas instâncias, apostando no simples desgaste do modelo proporcional e da entidade, força um cenário de guerra política frente aos trabalhadores. Sem nenhuma mediação política das divergências e sem intenção de realmente assumir responsabilidades de direção, essa proposta acaba por colocar a própria entidade em descrença, fragilizando a categoria e seu potencial de luta. O Boicote sistemático à entidade se não for superado enquanto método pode jogar por terra as potencialidades da proporcionalidade, mas pior que isso, joga toda a entidade e a luta da categoria na vala comum dos sindicatos burocratizados e descolados da base. Hoje o nosso maior

desafio, enquanto entidade é resgatá-la como representação da categoria. A categoria precisa saber que o que foi decidido coletivamente irá ser executado, nem que para isso seja necessário que as correntes minoritárias passem a atuar mais com um papel de fiscalização. Sem essa confiança, por hora perdida, a categoria não sente nenhuma vontade de disputar e participar dos espaços da entidade, condenando o trabalho ao aparelhismo de quem a dirigir.

CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL

A crise econômica no mundo tem efeitos catastróficos sobre o povo. A desaceleração chinesa, os conflitos no oriente médio e na África, e a dificuldade de crescimento na Europa geram instabilidade mundial. Mesmo a pequena recuperação dos EUA não é capaz de impulsionar um novo ciclo de crescimento econômico mundial. Isto leva à tensões crescentes e a resposta dos governos é o receituário já conhecido: intervenções militares; promover ataques duros a direitos sociais e democráticos, com impacto sobre a economia, gerando ciclos migratórios para a Europa. Neste contexto, a ofensiva militar imperialista ganha destaque, como as intervenções na primavera árabe para controlar os processos insurrecionais e assegurar o controle sobre os recursos nacionais, e a exigência de duríssimos planos de austeridade, em alguns países da Europa, e em especial na Grécia: redução de salários, a supressão de empregos e cortes de pensões. Além da barbárie com as mortes dos refugiados em alto mar, impedindo-os de chegar aos países mais ricos da Europa! É hora de pautarmos novamente o socialismo como modelo de superação das mazelas do povo.

O BRASIL NO OLHO DO FURACÃO

O segundo mandato do governo Dilma, já quase paralisado, traz a marca da ausência da condução política e da corrupção, é a combinação entre uma base política fisiológica e as podres regras do jogo político-institucional, baseado em trocas de emendas, cargos e recursos públicos descaradamente privatizados. Mas o perfil político do Governo é definido, para além das privatizações de aeroportos, dos campos de petróleo, dos ataques duros à saúde pública, do caminho aberto para a privatização dos hospitais universitários a partir da EBSEH/Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares; ou nos embates contra os movimentos sociais, que são criminalizados por fazerem greve.

O governo do PT entrega o comando da nação ao grande capital, aos banqueiros internacionais. Não é por acaso, a equipe forma-se a partir dos quadros que integrariam o governo de Aécio, caso o mesmo fosse eleito. A economia entregue à Levy, um voraz crítico do que restou do sistema de

proteção trabalhista, o que traz enorme satisfação aos agiotas internacionais. A agricultura para Kátia Abreu, a Indústria para Armando Monteiro (FIEPE), as cidades para Kassab, e até a Educação, tida no discurso como prioridade, foi para a barganha, com Cid Gomes, (substituído por Janine) que assumirá os recursos do pré-sal. Estas foram às primeiras medidas impopulares de Dilma. O segundo mandato de Dilma já nasce em débito, seja pela falta de investimentos em obras públicas, e que agora trazem a iminência da crise hídrica e energética de forma generalizada, ou pelo aumento de impostos em diversas áreas, para cobrir os rombos da Petrobrás e do superávit necessário para alegrar os especuladores. Esse não é um governo progressista que desenvolve um projeto nacional para atender os interesses da maioria da população e combater a desigualdade social. Trata-se do seu oposto! Sob o comando do PT/PMDB, o projeto para o Brasil nesta década é o aprofundamento de um Estado indutor para os grandes negócios do capital, em particular, como produtor e fornecedor de ponta de commodities e com este objetivo, ser hegemônico para estes negócios também no continente; de outro lado, um Estado cada vez mais próximo do mínimo que retira os direitos sociais, ambientais, humanos, trabalhistas e democráticos. Dilma segue repassando serviços para a iniciativa privada, financiado pelo dinheiro público, na saúde, na educação e reduzindo ao máximo o tamanho do aparelho do Estado. A terceirização e a gestão por resultados são a marca desse período, reduzindo os direitos trabalhistas. Mesmo com todo o malabarismo político o governo não controla a crise econômica que cresce a cada dia, muito menos diminui as disputas rasteiras na câmara e no senado. A crise do palácio ocupa espaços nas ruas conduzidos por setores conservadores do país. Neste marco, trabalhadores de diversas categorias que tem seus direitos retirados devido às medidas do governo resistem com greves! Enfrentar as políticas do governo é necessário, porém não podemos cair na teia dos que querem transformar a luta histórica dos trabalhadores em disputa para trazer de volta ao planalto àqueles que sempre usurparam as riquezas do Brasil.

Segue os primeiros signatários deste resumo:

Os Diretores do STU Marina Rebelo (AEL), Osvaldo (RU) e Sandra Ramos (CDC);

Trabalhadores da Base: Maria Edith (CAISM); Toninho Alves (PRG - FASUBRA); Josué (IA); Ana Paula (IA); Evandro (IA); Henrique (DGA-Gráfica), Danilo Negretti (CDC); Teresinha (CDC); Pinheiro (aposentado); Dayse (aposentada); Odete (aposentada) Rose (IQ); Antônio Carlos (RU); Mike (FE); Klélia (IB); Bianca (IB); Fernanda (BC); Rose (BC); Rosana Aranha (CECI); Tati (CECI); Marli (CAS); Civaldo (HC); Jamilson (FCM); Valeria (IEL); Roberta (IEL); Renata (IEL);Dorinha

(FOP); Antônio Carlos (Limeira) Thiago (FEM); Santão (IFCH); Orlando (CPQBA); Gilberto (DGA); Antônio Augusto Ferreira (CMU); Nuri (CDC) ; Mario Jorge (Aposentado); Gonzaga (FEF), Vivien (IB).

Demais companheiros estarão presentes na tese.